

## A escola da televisão

Para Aguinaldo Silva o roteiro é o ponto de partida

**FC** - Como e quando você começou a ser roteirista?

**Aguinaldo** - Desde pequeno eu queria ser escritor, mas sempre visualizava minhas histórias. Chegava ao ponto de desenhar, fazer um *storyboard*, e depois escrevia. Nunca pensei em ser roteirista até que li no jornal que o Leopoldo Serran estava dando um curso no MAM. Fui fazer esse curso mais para me ilustrar, como se diz.

**FC** - Como era o curso? Didático, ou prático?

**Aguinaldo** - Era muito prático. Tinha umas palestras com profissionais de cinema sobre temas específicos, depois nós fazíamos perguntas. Depois ele passou *Lição de amor* do Eduardo Escorel, nós lemos o livro do Mário de Andrade e a adaptação do Eduardo Coutinho, que foi lá e nós debatemos com ele. Não chegamos ao ponto de escrever um roteiro, o que eu acho que seria importante, mas foi muito bom para mim porque me interessei pela arte de escrever para cinema. E coincidiu exatamente com o fato do Miguel Farias Jr. resolver filmar o meu livro *República dos Assassinos* e me chamar para escrever o roteiro. E quando eu me sentei para escrever, descobri que era um roteirista.

**FC** - Adaptando seu próprio romance, houve trechos em que você teve de alterar radicalmente, pelas diferenças de linguagem?

**Aguinaldo** - O romance foi escrito em 1973, numa época muito difícil, e tinha uma visão das coisas que eu já havia superado em 78, quando comecei a escrever o roteiro. O romance é todo escrito na forma de cartas, depoimentos no inquérito, reportagens, entrevistas. Na adaptação resolvi utilizar apenas a forma do inquérito, onde cada personagem conta a sua parte da história, como num depoimento. Mas, como no fundo as pessoas não estão contando a história real, então, além do inquérito, há um outro bloco de seqüências mostrando a realidade.

**FC** - Quando você roteiriza, faz primeiro a estrutura ou vai trabalhando aos poucos?

**Aguinaldo** - Se é uma história original, depois da sinopse eu traço um perfil de cada personagem, inclusive com dados anteriores ao desenrolar da ação. No *Águia na Cabeça*, por exemplo, a idéia original do Paulo Thiago foi muito modificada por mim, pelo Doc Comparato e pelo próprio Paulo Thiago. Eu senti necessidade do passado do per-

sonagem principal, e escrevi praticamente uma novela até o momento em que ele entra na história. Isso facilita muito. Depois eu começo a estruturar, faço a escaleta em blocos, que foi uma coisa que aprendi na televisão. Mesmo quando eu escrevo para cinema, procuro levar em conta os momentos de pique dentro do filme, que fazem a história ir subindo. Cada bloco termina num momento de clímax. Eu vou fazendo o bloco e escrevendo, nunca faço a estrutura inteira.

**FC** - Quando um diretor encomenda um roteiro a um roteirista, geralmente se fala muito desta coisa de primeiro tratamento, segundo tratamento... Qual a diferença entre um primeiro tratamento e o tratamento definitivo?

**Aguinaldo** - Como diz o Leopoldo Serran, nós, roteiristas, somos gatinhos de aluguel. Não se escreve um roteiro para vender, mas se é contratado para escrever um roteiro. A verdade é que os cineastas não sabem o que querem fazer, mas acham que sabem. Então, primeiro, você tem de adivinhar as intenções dele. Segundo, dar ordem a esta orgia de intenções. Para mim, esta é a primeira fase: ouvir e anotar as coisas principais. O Bruno Barreto, por exemplo, chegou para mim dizendo que queria filmar *Luzia Homem* do Domingos Olímpio. Eu li o livro e realmente não dá filme. Aí ele disse que idealizava o filme assim como *Duelo ao Sol* do King Vidor ou *Comes a Horseman* do Alan Pakula. Então eu percebi que ele queria a história de uma mulher forte, tão forte que impressionasse os homens por causa disso. Esse foi o único dado. A partir daí eu montei toda a história.

**FC** - Esse "botar em ordem" já era um roteiro ou era ainda um argumento?

**Aguinaldo** - Um argumento, sem seqüências, sem nada. Depois de mim, já mexeram o Gustavo Dahl, o Dias Gomes, e até hoje não foi filmado. Eu acho esta primeira fase totalmente errada. É um dos vários erros do cinema brasileiro. A segunda fase é essa, um argumento de 20 laudas. Novamente discutido, aí sim, vem o primeiro tratamento do roteiro com seqüências, diálogos.

João Carlos Rodrigues